contos e faz de contas
FOLCLORE BRASIL
o lobisomem e a velha
Contos que o povo conta
O padre e o diabo
Contos do tio Chico
O pescador e o boto
O saci pererê
js vieira
FOLCLORE BRASIL

Índice

Contos do folclore brasileiro

O lobisomem e a velha

Havia um velho lobisomem acostumado a assombrar uma pequena vila chamada cafundó do Pedro, bem ao sul de minas Gerais em meio às plantações de abacaxis, essa vila tinha mais ou menos duzentos habitantes morando em trinta casas de tijolos vermelhos espalhadas pelo vale plano verdejante as margens de um rio largo de águas cristalinas, os habitantes eram pessoas simples acostumadas com a lida no campo.

Todas as noites de lua cheia esse velho lobisomem aparecia para assombrar as pessoas da vila e devorar seus animais, depois de anos os habitantes da vila aprenderam a não ter medo do velho lobisomem, nas noites de lua cheia eles levavam os animais para um barracão e faziam círculos com sal grosso em volta das casas e dos barracões e colocavam cruzes de prata nas portas e nas janelas, assim o lobisomem não conseguia entrar e matar os animais domésticos.

O lobisomem, cansado de andar pelas ruas vazias e não assustar ninguém, e não ter mais nada para comer, a não serem os abacaxis, resolveu partir para outras bandas onde as pessoas ainda tinham medo de lobisomens, e os animais gordinhos passeavam despreocupadamente pelos campos a noite, então ele foi pra uma vila vizinha a pouco mais de cinco léguas, essa vila se chamava cafundó do Judá, o problema é que cafundó do Judá era assombrado pela mula sem cabeça, “todo mundo sabe que os lobisomens têm medo de mulas sem cabeça, mas esse nosso lobisomem aqui não

tinha medo de nada, e lá se foi ele”.

Logo na entrada da vila, que era menor que a cafundó do Pedro, tinha uma choupana de tijolos e palha no alto de uma colina, a janela estava aberta e a vela iluminava o interior, o lobisomem olhou e disse.

_ Janela aberta há essa hora, bem se vê que não conhecem lobisomens por essas bandas, vou atacar as galinhas devorar as cabras e beber todos os ovos.

Ao lado da casa havia um curral e o lobisomem correu para lá, de repente uma mula sem cabeça apareceu de dentro do curral soltando fogo pelas ventas batendo os cascos saindo faíscas do chão de pedras, “todos sabem que mula sem cabeça não tem cabeça e muito menos ventas, mas isso é uma historia de folclore, e no folclore não precisamos explicar nada, alias não tem explicações mesmo”.

O lobisomem ao ver a mula sem cabeça relinchando caiu de joelhos implorando pela vida.

_ Me desculpa dona mula, eu não sabia que essa casa já era sua, não me mate, por favor.

Quando o lobisomem abriu os olhos à mula sem cabeça estava deitada soltando uma pequena fagulha pelas ventas, o lobisomem pensou que a mula estava com medo dele e tomou coragem para enfrentar sua inimiga.

_ Ficou com medo né, não quer brigar né.

_ Não seja ridículo, e não me chame de mula, meu nome é Mimosa.

O lobisomem não aguentou e caiu na risada.

_ Ahahahahahahahahahaha, - parou deu uma olhada para a mula e continuou a rir descontroladamente.

A mula sem cabeça não ligou para as risadas do lobo velho e sarnento, então ela disse.

_ Um dia eu fui uma mula sem cabeça cruel, mas

depois que eu encontrei a velha da casa lá em cima eu mudei de vida.

O lobisomem parou de rir, olhou para a casa e viu uma silhueta de uma mulher passando pela luz da janela, ele rosnou para a casa e disse.

_ Minha primeira vitima.

Rastejou pelos arbustos em direção a casa, olhou pela janela e viu uma mulher velha encurvada sentada em uma cadeira fazendo tricô, de um salto pela janela o lobisomem caiu sobre a mesa rosnando como um cão feroz, mas a velha ajeitou os óculos sorriu e disse.

_ Um cachorrinho, que bonitinho.

O lobisomem eriçou os pelos da costa e rosnou alto.

_ Cachorrinho que nada eu sou o terrível lobisomem e vou devorar você.

_ Deixa de ser mal criado, - falou a velha batendo com a agulha de tricô no focinho do lobisomem.

_ Ai. - gritou o lobo.

_ Fale baixo, - deu-lhe outra pancada com a agulha - , eu não sou surda.

_ Quer parar com isso, isso dói velha maluca.

_ Que cheiro é esse?

O lobisomem deu uma farejada no ar e disse.

_ Cheiro? Que cheiro?

A velha se aproximou do lobisomem e sentiu o cheiro forte de cachorro molhado.

_ Você está fedendo, vai ter que tomar um bom banho.

O lobisomem olhou para a velha com cara de assustado e gritou.

_ Banho? Que banho?

A velha se levantou e pegou uma balde cheia de água fria, o lobisomem viu e se arrepiou, correu para a janela tentando fugir, mas não teve tempo, a velha fechou a janela e a porta, o velho lobisomem correu

para um canto da casa arranhando a parede tentando abrir uma passagem, quando de repente a velha despejou o balde de água nas suas costas, o lobo deu um uivo de desespero, a velha o segurou pelo pescoço e o esfregou com um sabão fedorento.

_ Socorro, me larga sua velha doida, caim, caim, caim.

_ Vou lavar sua boca para você parar de ser mal criado.

O lobisomem não teve tempo de reclamar e a velha enfiou o sabão na sua boca esfregando com força a língua do lobo, depois de uns minutos não se ouvia mais nada na casa, a velha foi pegar mais água para terminar o banho e o lobo ficou deitado no chão com tanta espuma que mais parecia um poodle branco fofinho, ele deu um soluço e soltou bolhas de sabão pela boca, estourando as bolhas com a unha do dedo polegar, então a velha voltou com a balde cheio de água despejando sobre o lobo que estava com os olhos arregalados.

Depois a velha soltou o lobo e disse.

_ Agora você esta cheirosinho, vou te chamar de Fifi.

_ A não, Fifi não, assim já é demais, eu vou te devorar sua velha desaforada.

Antes de terminar de falar a velha lhe deu outra pancada com a agulha de tricô na cabeça, o lobisomem deu um berro.

_ Aiiiiiiiiii, essa agulha parece que é feita de chumbo.

_ Não seja mal criado, agora pode ir dormir com a vaquinha Mimosa.

Pôs o lobisomem para fora de casa e fechou à porta, o lobisomem ficou deitado na porta tentando entender o que havia acontecido furioso ele deu a volta na casa procurando uma janela aberta para entrar, a janela do

quarto da velha estava aberta e a velha estava deitada dormindo, o lobisomem entrou sorrateiramente se pôs ao lado da cama abriu bem a boca esticou bem as garras, seus olhos estavam vermelhos soltando saliva pela boca, então ele pegou o cobertor e cobriu a velha que estava encolhida com frio, saiu pela janela e foi se deitar com a mula sem cabeça no curral sobre um monte de palha, andou em volta da palha até achar uma posição confortável se deitou e disse para a mula.

_ Boa noite dona mula.

_ Mula não, Mimosa, boa noite senhor lobisomem.

_ Lobisomem não, Fifi.

A noite foi tranqüila até que o galo cantou anunciando o alvorecer, a mula sem cabeça se levantou se transformando em uma mulher e partiu pela estrada, logo em seguida o lobisomem se transformou em um homem velho e também foi embora, a velha apareceu na janela da casa sorriu ao ver os dois partindo em paz, a velha saiu da casa caminhou até o rio que corria atrás da casa e se atirou nas águas frias, ao longe uma mulher com calda de peixe saltou sobre a face das águas, era a Iara rainha de todas as criaturas do folclore brasileiro.

Conto e faz de conta

Contos que o povo conta

O padre e o diabo

Em uma cidadezinha rodeada por serras no interior de Santa Catarina, havia um padre velho gordo e baixinho chamado Salomão, como de costume a décadas ele celebrava as missas todas as manhãs de domingo, normalmente quando o sol já estava forte aquecendo a pequena cidade de lavradores, o padre Salomão era dedicado a sua igreja e lutava para conseguir reformá-la, organizava bingos e quermesses, mas o dinheiro nunca dava sequer para pagar as contas pendentes, por isso às vezes ele se metia em jogatinas na cidade vizinha.

Todas as noites o padre Salomão rezava para que Deus enviasse um homem de bom coração e rico para ajudar nessa difícil tarefa.

Em um domingo de manhã no verão, o padre acordou às seis da manhã, como de costume, o ar estava gelado e a neblina cobria todo o vale, algo estranho para aquela época do ano, mas o velho padre não se importou com o clima, só queria ver se conseguia arrecadar certa quantia em dinheiro para pagar uma divida que ele fez em um jogo de cartas na cidade vizinha na noite anterior, o homem que o padre devia não perdoava seus credores, as pessoas chamavam esse homem de diabo vermelho, por causa do seu rosto vermelho cheio de acnes e por estar sempre mal humorado.

Ao abrir à porta da igreja a neblina entrou congelando o padre, ele deu uma olhada para fora e se

posicionou no seu lugar, nem o coroinha apareceu pra missa, o tempo passou e o padre já estava desistindo de esperar pelos seus fieis, então uma rajada de vento entrou porta adentro espalhando a neblina pelo salão da igreja, o padre forçou a vista para ver o que estava acontecendo na porta, um vulto de homem apareceu no meio da forte neblina caminhando de vagar em direção aos primeiros bancos, o padre engolia em seco pensando que fosse o homem do jogo de baralho que veio para cobrar a divida, mas não era e o padre respirou aliviado, mas não dava para celebrar uma missa para apenas uma pessoa, então o padre Salomão resolveu puxar conversa com o estranho.

_ O senhor é novo na cidade?

_ Sim, acabei de chegar estou de passagem.

_ Seja bem vindo, mas não haverá missa hoje, a neblina e o frio espantaram os fieis, mas fique à vontade a igreja ficará aberta.

O padre se preparava para se recolher quando o homem o chamou.

_ Eu não vim pra missa, eu quero falar com o senhor.

_ Em que posso ajudar?

_ O senhor é o padre Salomão não é?

O padre sentiu um calafrio percorrer sua espinha, então falou gaguejando.

_ Sim sou eu, e quem é o senhor?

_ Fui mandado pra essa cidade para resolver um problema com o senhor.

As pernas do padre bambearam ele se segurou para não cair.

_ Diga para quem te mandou que eu ainda tenho até a noite para pagar a divida.

O homem ficou em silencio encarando o padre sem piscar, o padre já estava em pânico pronto para pedir

socorro, o homem se sentou na primeira fila de bancos de frente ao padre, abriu a sacola que carregava e tirou algo enrolado em um pano preto, o padre quase desmaiou, o homem tirou um livro de capa escura grossa e dura feita de couro com um desenho de um par de chifres de carneiro, o padre ficou olhando enquanto o homem abria o livro grosso de folhas sujas.

_ Mas o que é isso? – perguntou o padre.

_ A resposta para as suas orações.

O padre se aproximou do homem e pegou o livro.

_ O que é isso? – perguntou o padre.

_ Um contrato. – respondeu o homem.

_ Que contrato?

_ Um contrato que garante que ambas as partes recebam o que prometeram.

_ Pra quem é esse contrato?

_ Pro senhor.

O padre jogou o livro no chão fazendo o sinal da cruz se afastando rapidamente do homem.

_ Não tenha medo, essa é a resposta de suas orações.

_ Minhas orações são para resolver meus problemas e não para aumentá-los.

_ Não seja ridículo padre, suas orações são para resolver seus problemas, você disse assim, que um homem de bom coração entre pela porta da igreja e resolva seus problemas não importa a forma.

_ Quando eu disse não importa a forma eu me referia se fosse das mãos de Deus.

_ É melhor reconsiderar, o diabo vermelho virá te procurar hoje à noite.

O padre estremeceu ao ouvir o nome do diabo vermelho, parou para pensar um pouco e disse.

_ Como você pode me ajudar? Acaso esse livro vai se transformar em dinheiro?

_ As paginas tem algo muito maior que dinheiro. –

disse o homem.

_ Não vejo nada escrito nas paginas.

_ Não importa o que está escrito o que importa é o que você deseja, não importa o que está nas paginas e sim o que está na sua cabeça, basta assinar e os seus desejos apareceram.

_ Eu sei quem é você, você não deveria estar dentro de uma igreja.

_ Isso é conversa, e ai, vai ou não vai assinar?

O padre pensou bem no assunto fez uma cara de esperto pegou o livro e a caneta que o homem lhe ofereceu, a caneta tinha tinta vermelha parecendo sangue, quando largou a caneta percebeu que o sangue saia do seu próprio dedo sugado pela caneta, de repente as letras surgiram na pagina em branco, o padre tentou ler o que estava escrito, mas não conseguiu ler tudo, as letras começavam grandes e iam diminuindo até não ser possível mais ler, o padre perguntou ao homem.

_ O que está escrito nessas letras pequenas?

_ Mera formalidade, data, hora, testemunhas.

_ Que testemunhas? - perguntou o padre.

_ Os anjos. – respondeu o homem.

Então alguém bateu na porta o padre olhou para trás, ao voltar os olhos para o homem ele tinha desaparecido com o livro e a neblina fria, o sol brilhava forte e as pessoas entravam para a missa dominical, o padre ficou confuso achando que tudo não passou de um sonho.

O dia passou como todos os dias, sem novidades, o padre Salomão contava os minutos que passavam rapidamente, às cinco da tarde o diabo vermelho viria receber o pagamento e o padre não tinha nem um centavos, as ofertas da manhã não passaram de quatro moedas de baixo valor.

_ Meu Deus já é cinco horas. - disse o padre se trancando no quarto fechando a porta e a janela. As

cinco em ponto bateram na porta da frente da igreja.

_ Padre Salomão. – gritou alguém lá fora.

Depois de muito baterem na porta e gritarem o padre resolveu atender a porta, eram dois policiais com uma sacola na mão.

_ O senhor é o padre Salomão?

_ Sim, o que houve?

_ Houve um acidente na estrada perto daqui, o acidentado era um criminoso fugitivo da lei e ele morreu, encontramos essa sacola com ele, a sacola tem o seu nome e o endereço da igreja, por acaso é sua?

O padre havia perdido a sacola em uma aposta na mesa de jogos para o diabo vermelho, o padre pegou a sacola, estava pesado, ele abriu, a sacola estava cheia de dinheiro, o policial sorriu e disse.

_ Deus é justo, o bandido roubou o dinheiro da igreja e morreu.

O padre Salomão ficou mudo, não teve coragem de dizer que não eram dele, os policiais pediram a benção ao padre e foram embora.

O padre correu para dentro da igreja fechou a porta e despejou todo o dinheiro no chão, passou a noite inteira contando e recontando o dinheiro, quando o sol nasceu ele ainda estava acordado sonhando com o que iria fazer com tanto dinheiro guardou tudo em outra bolsa maior, tomou um banho arrumou as malas decidido a abandonar a igreja, ao sair da igreja foi para o ponto de ônibus, as pessoas perguntavam pra onde ele ia se iria demorar, se voltaria a tempo para a próxima missa, o padre não respondia as perguntas, só falava se Deus quiser, o ônibus estava atrasado, Salomão ficou impaciente soando demais dentro de seu terno preto de risco de giz, passaram horas e o ônibus não passou, então ele resolveu pegar uma carona até a cidade mais próxima, encontrou um caminhão do fazendeiro

Firmino que ia levar uma carga de cenouras para um mercado em outra cidade, não importava para onde o fazendeiro fosse, desde que saísse dali, mas o caminhão quebrou antes de sair da cidade, o padre pegou carona em uma carroça, mas o burro se assustou com uma cobra na estrada e disparou no sentido contrario, só parou ao bater na porta da igreja, o padre desceu da carroça agarrado a sacola de dinheiro então viu o ônibus passar por ele indo embora, já que não tinha ninguém no ponto.

_ Amanhã eu vou. – disse o padre.

A igreja permaneceu fechada o resto do dia, à noite o padre se deitou na cama sobre a sacola para sonhar com a dinheirama.

A meia noite uma nevoa fria entrou por baixo da porta, o padre estava dormindo feliz, acordou com frio tentando puxar o cobertor, mas pegou no paletó do homem que se sentou na cama ao seu lado, o padre levou um susto caindo da cama do outro lado.

_ Um ladrão. – gritou o padre.

_ Que ladrão que nada, sou eu.

_ Quem é você?

_ Não se faça de desentendido, vim buscar a minha parte do acordo.

_ Mas já?

_ Está no contrato, esse é o dia e a hora.

_ Eu não vi nada disso no contrato.

_ As letras pequenas, você não leu?

_ Você me enganou.

_ Você terá muito tempo para pensar nisso, agora vamos embora tenho muito que fazer,

_ Acontece que eu não vou. – disse o padre.

O homem pegou o contrato e leu.

_ Está escrito, eu te darei uma fortuna conforme seu desejo, em troca você me dará sua alma nesse mesmo

lugar no prazo de quarenta horas.

O padre fez as contas.

_ Eu assinei o contrato ontem às nove da manhã, então até a meia noite de hoje são trinta e nove horas, então eu ainda tenho uma hora, você terá que esperar, está no contrato.

_ Deixa de conversa e vamos embora.

O homem agarrou o padre pelo braço arrastando-o para dentro de um buraco escuro que se abriu no chão, o padre gritava desesperado.

_ Você já olhou se o seu relógio não está no horário de verão? Eu tenho testemunhas, cadê as testemunhas?

Abriu-se uma janela no teto e uma luz clara invadiu o quarto, desceram dois anjos entre o buraco negro e o padre, os anjos disseram.

_ Nós somos as testemunhas, o padre ainda tem cinquenta minutos, está no contrato, nós lemos as letras pequenas.

O homem largou o braço do padre e deu um grito.

_ Eu tenho mais o que fazer, pra que esperar cinquenta minutos, vamos acabar logo com isso.

O padre correu para trás dos anjos procurando proteção quase caindo no buraco negro, o homem olhou para ele e disse.

_ Dentro de cinquenta minutos você vai comigo e as testemunhas não poderão me impedir.

O padre falou para as testemunhas.

_ Vocês não vão deixar, vão?

_ Você assinou um contrato agora terá que cumprir o que está escrito.

_ Mas não tinha nada escrito, só tinha os meus desejos da minha cabeça.

_ E o que você desejou? – perguntou as testemunhas.

O padre ficou calado por um minuto, então ele disse.

_ Desejei ser rico nem que seja por um único dia.

Então o padre entendeu o que estava acontecendo, o homem macabro sorriu exibindo os dentes amarelados pontiagudos desalinhados na boca, sentou-se na cama esperando o tempo passar, o padre tinha pouco tempo para encontrar uma saída dentro do contrato, então ele teve uma ideia, sentou-se na cama ao lado do homem e começou a conversar, perguntando sobre as pessoas que assinaram contrato nos últimos dias, tentando encontrar algo que o homem gostasse de falar, o homem estava muito irritado e não gostava de nada do que fazia, não gostava de pessoas nem da terra, não gostava do diabo e nem do inferno nem dos anjos e nem do céu, o padre entendeu e começou a reclamar também contra as pessoas e contra Deus, o homem disse.

_ Os homens são todos iguais vivem pedindo favores de Deus e depois negam sua fé, vocês não prestam por isso eu levo todos que posso para o inferno lá vocês terão muito tempo para pensar no que fizeram na terra.

O padre tinha que pensar em outra maneira de conseguir a atenção do homem, então o padre pegou uma garrafa de vinho que ele escondeu em baixo da cama pra beber a noite, abriu a garrafa com a boca e bebeu um gole enquanto pensava, o homem olhava para a garrafa engolindo em seco, o padre balançou a garrafa para os lados, o homem acompanhava a garrafa com os olhos, o padre encheu um copo que estava sobre a mesinha ao lado de uma garrafa de água, bebeu o vinho bem devagar saboreando cada gole, o homem arregalava os olhos com a boca aberta babando, deliberadamente o padre deixou cair uma gota de vinho no chão, o homem se desesperou ao ver a gota caindo, mas não disse nada, era o que o padre procurava então o padre disse.

_ No inferno tem vinho?

_ Não. - respondeu o homem quase sem voz.

_ Será que posso levar uma garrafa?

_ Não, é proibido levar bebidas.

_ Então é melhor eu beber tudo agora, você quer um gole?

_ Não posso, é proibido beber em serviço.

_ Eu não vou contar pra ninguém.

O homem olhou para as testemunhas, o padre percebeu, tinha que pensar em uma saída rápido.

_ Não se preocupe com eles, eles só estão aqui para garantir que se cumpra o contrato.

_ Você tem razão, – respondeu o homem -, talvez eu possa beber essa gota que caiu no chão.

Quando o homem abaixou para lamber a gota o padre derramou o resto de vinho do copo perto da boca do homem, ele lambia o vinho sem parar, o padre derramou toda a garrafa e o homem lambeu tudo, Salomão correu para o deposito e pegou mais duas garrafas cheias, depois de trinta minutos o homem estava bebendo direto na garrafa.

_ Eu não sabia que o diabo ficava bêbado. – disse o padre.

_ Eu não sou o diabo sou apenas uma alma condenada no inferno, aceitei esse trabalho para poder sair de vez em quando do purgatório, o diabo não pode sair do inferno por isso ele recruta almas para fazer os serviços na terra pra ele.

O homem contava historias sobre as pessoas que ele levou pro inferno, os desejos absurdos que ele realizou as pessoas poderosas que venderam a alma em troca de nada. Passaram-se quarenta e nove minutos e o homem se levantou cambaleando se segurando nas testemunhas rindo contando sobre o sofrimento que as pessoas passam no inferno e disse.

_ Agora vamos embora.

O padre se levantou e disse.

_ Não vai dar.

_ por que não?

_ por quê? Porque você teria que me levar até quarenta horas depois de assinar o contrato, e já se passaram às quarenta horas.

_ Errado, ainda falta um minuto e quando for exatamente a hora certa vai se abrir um buraco em baixo dos seus pés e você vai cair direto no inferno.

_ E vou me encontrar com o seu chefe?

_ É vai sim e ele é muito cruel.

_ Ele vai adorar saber que você está bêbado, e não levou um pouco de vinho pra ele.

_ Você prometeu que não iria contar nada pra ninguém, você é um padre e não pode voltar atrás com a sua palavra.

_ E vou contar também que você odeia o inferno e o seu chefe, acho que vamos passar um bom tempo lá em baixo, faltam dez segundos vamos logo com isso.

O homem ficou aflito olhando para os lados o buraco negro começou a se abrir aos pés do padre, o homem deu um grito e falou.

_ Está bem, você fica, mas um dia nós vamos nos encontrar de novo.

O homem desapareceu na neblina que escorreu por baixo da porta, os anjos voltaram para a luz do teto, o padre ficou sozinho aliviado, correu para pegar a sacola de dinheiro que estava em cima da cama, mas o buraco negro continuou a abrir engolindo todo o chão do quarto, o padre se segurou na maçaneta da porta para não cair dentro, mas a cama despencou buraco adentro levando a sacola de dinheiro, então o assoalho se formou o buraco desapareceu, o padre se viu em um cômodo vazio, terminou a noite deitado no assoalho duro sem cama e sem o dinheiro, a velha vida do padre

Salomão continuou por muitos anos com os mesmos problemas, mas todos os dias o homem vinha visitá-lo para tomar vinho se embriagar e jogar baralho.

Conto e faz de conta

Contos do tio Chico

O pescador e o boto

O velho vovô Chico, homem de oitenta anos de idade, calejado com os anos de trabalhos na roça no sitio que herdou dos pais descendentes de escravos no interior de Manaus, reuniu os netos na velha casa a noite, agora com luz elétrica, para contar mais uma de suas histórias, a historia do pescador e o boto, começa assim.

_ Em uma vila as margens do rio Amazonas, morava um rapaz chamado Nicolau, ele era um jovem cheio de vida e não acreditava em superstições, ele dizia que era tudo crendices do povo, que essa historia de lobisomens, mula sem cabeça e todas essas historias folclóricas são apenas invenções. Em uma sexta feira santa Nicolau resolveu pescar na margem do amazonas, ele escolheu um bom lugar na sombra de uma

castanheira e lançou o anzol, depois de meia hora sem pescar nada ele começou a amaldiçoar o dia o sol o vento e tudo que ele conseguia lembrar, então um rapaz vestido de terno e chapéu branco se aproximou e se sentou ao lado do Nicolau.

_ Por que você está tão bravo homem?- perguntou o rapaz de terno branco.

_ Eu estou aqui faz mais de meia hora e os peixes nem beliscam.

_ Mas hoje é sexta feira santa, não é bom matar nenhum ser vivo nesse dia.

_ Você acredita nessas besteiras? Alias quem é você?

_ Eu estava passando e vi você sentado aqui, meu nome é José.

_ Ta bom o Zé, agora dá pra me deixar pescar em paz.

O José se ajeitou e continuou a falar.

_ Dizem que no ano passado na sexta feira santa ao meio dia um rapaz que não acreditava em nada resolveu pescar, nesse mesmo rio, dizem que apareceu uma mulher e pediu para ele parar de pescar e ir embora, o rapaz não deu ouvido á mulher e continuou a pesca, a mulher insistiu para ele parar, mas foi em vão, então ela contou uma historia sobre a importância da sexta feira santa, mesmo assim ele não quis acreditar e riu da mulher, então ela disse que o rapaz iria pescar um grande peixe rosado, o peixe seria tão grande que o rapaz seria jogado no rio, mas não conseguiria voltar, seu corpo se transformaria em corpo de peixe e viveria dentro do rio fugindo dos pescadores se alimentando de pequenos peixes e algas, mas para não se esquecer que um dia foi um ser humano ele poderia sair da água todas as noites de lua cheia nas sextas feiras e passear entre as pessoas, mas deveria sempre usar terno branco para

cobrir sua pele rosada e um chapéu para esconder o furo que tem na cabeça, e nos dias de sexta feira santa ele poderia passar o dia inteiro em forma de gente procurando pessoas para ajudar, dizem que a mulher prometeu que o feitiço seria desfeito assim que ele conseguir convencer outra pessoa incrédula a não matar no dia de sexta feita santa.

O homem terminou a historia se pôs em pé pôs um chapéu branco na cabeça e foi embora, Nicolau respirou fundo e disse.

_ Graças a Deus esse chato foi embora, agora posso pescar em paz.

Dez minutos depois Nicolau adormeceu segurando a vara de pesca, depois de uma hora ela acordou com os puxões de um peixe, era um grande peixe que lutava para se livrar do anzol, Nicolau se segurava como podia agarrando-se em qualquer coisa, ansioso e contente ele não soltaria a vara e não deixaria o peixe escapar por nada nesse mundo até que o peixe foi mais forte e puxou Nicolau para dentro do rio, Nicolau afundou nas águas calmas barrentas e nunca mais foi visto. Algumas pessoas dizem ter visto Nicolau em festas nas vilas na beira do rio dançando com as mulheres, vestido de terno branco com chapéu na cabeça passava a noite inteira se divertindo entre as pessoas, mas ele sempre desaparecia ao raiar do dia, deixando as jovens donzelas suspirando nas margens do rio jogando flores brancas nas águas.

As crianças olharam uma para as outras com cara de medo, tentando esconder as varas de pesca que traziam com eles, afinal aquele dia era sexta feira santa.

O saci pererê.

No sitio do senhor Zé, logo penha manhã, um pé de vento entrou pela cerca de arame deixando um varal de folhas secas penduradas ao sol, o vento rodopiava levantando poeira até as nuvens criando um canudo que dançava pela terra vermelha fofa assustando os quero-queros que fizeram seus ninhos ao céu aberto, o rodamoinho gostava de espantar os pássaros correndo atrás das aves barulhentas, quando cansa da brincadeira vai procurar outra coisa para atazanar, foi para a plantação de milho abrindo caminho pelo milharal jogando espigas maduras mastigadas, o menino estava com fome, saindo do milharal viu a dona Maria varrendo o quintal com a porta da cozinha aberta, de vagar o pé de vento entrou pela porta fazendo uma algazarra dentro da casa, passando pela cozinha indo para o quarto saindo pela janela da sala.

Quando a dona Maria ouviu o barulho entrou correndo para ver o que se passava, as panelas estavam no chão, o feijão na panela estava cheio de cinzas de cachimbo, o leite estava azedo, o café frio, os ovos na prateleira estavam podres, no quarto as roupas estavam espalhadas com nós nas mangas e nas pernas das calças, a sala não estava desarrumada, tudo estava no seu lugar limpo e cheiroso, mas de repente saiu de baixo do sofá centenas de lesmas com seus caracóis vermelhos se espalhando pelo piso encerado.

Dona Maria ouviu um ruído no curral, os animais estavam agitados, os cavalos saíram em disparada pelo pasto com tranças nas crinas assustando as vacas, que também correram sem direção.

Então o vento passou pela cerca indo para o sitio do senhor Guilherme passando pela plantação de amendoim, por onde ele passava deixava um trilho de cascas de amendoins vazias, recomeçando a suas estripulias.

Dona Maira deu com os ombros e sorriu, esse é o menino de uma perna só que só queria se divertir.

FIM

JS Vieira